

## A Colonização Nipônica de Santa Catarina

*Anderson Outuki<sup>1</sup>*  
*Elson Kiyotaka Outuki<sup>2</sup>*

### Introdução

Na efetiva terminologia colonização, em Santa Catarina aconteceu basicamente em cinco localidades, Curitibanos (hoje Frei Rogério), Itajai, Canoinhas, Caçador e São Joaquim, respectivamente. As outras cidades onde se fazem presentes membros da etnia japonesa, com números de famílias e pessoas muito mais significativos que as das primeiras colonizações, são Joinville, Florianópolis e outras cidades como Criciúma, Campo Belo, Lages Capão Alto, Ponte Alta, Curitibanos, Papanduva, Monte Castelo, Mafra, Correia Pinto, Três Barras e Blumenau.

São pessoas da etnia japonesa da segunda e terceira geração, que se instalaram nessas cidades para os mais diversos afins: como estudantes, profissionais liberais, autônomos, agricultores, fruticultores, funcionários públicos e como profissionais das indústrias e comércios. Nas cidades como Florianópolis e Joinville, formaram associações expressivas de muita importância para Santa Catarina.

### A - Colônias de Santa Catarina

#### 1-Curitibanos

Em 1962, já moravam na região os senhores, Takashi Chonan, Takeshi Iuchi, Honda e outros. Liderados por Chonan viabilizaram a via JAMIC e INCRA, projeto de assentamento da colônia Celso Ramos, no interior do município, hoje Frei Rogério, emancipado em 1995. Em 1964 foram distribuídos 50 lotes, e os primeiros assentados foram os agricultores vindos do Rio Grandedo Sul, como o Wataru Ogawa, Kazumi Ogawa, Takao Katsurayama, Egushi, Hekiji Tobo, Daichi Ito, Koji Katsurayama, conhecidos na época como os sere samurais.

<sup>1</sup> Bacharel em jornalismo pela Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, jornalista, natural e residente em São Joaquim, SC, e-mail: [elsonoutuki@brturbo.com](mailto:elsonoutuki@brturbo.com).

<sup>2</sup> Nascido em Caçapava, SP, ex-vereador do município de São Joaquim, SC, fruticultor e artista plástica, residente em São Joaquim, SC, e-mail: [elsonoutuki@brturbo.com](mailto:elsonoutuki@brturbo.com)

Nos anos seguintes chegaram, Hiura, Reikiji Toba, Hideo Kobashikawa, Hirata, Ito, Hiura, Susuki, Akahira, Yamamoto, Onaka, e outros. Este assentamento, iniciou-se com a produção de nectarina, pêssego, maçã e posteriormente, verduras, flores, alho, viveiro de mudas de maçã e *shiitake*, uma espécie de cogumelo japonês. Atualmente alguns estão produzindo pêra oriental. É uma colônia organizada, onde se preserva atividade cultural e esportiva, além de passar para os seus descendentes os conhecimentos da língua japonesa através da escola.

Também participam de atividades sociais e política no município como Ademar Ogawa que exerceu por duas legislatura a vereança de Curitiba e participou também como secretário da administração municipal. Takashi Chonan também foi vereador de Curitiba no período de 1983 a 1988, e prefeito do município emancipado Frei Rogério de 1977 a 2000. Hideki Iwasaki também exerce a função de vereador do município de Frei Rogério. Na sede de Curitiba, é mantidos outra associação de *nikkeis* com os objetivos idênticos.

## 2- Itajaí

Pelos idos de 1963, se instalou na região o primeiro descendente japonês, Hanshiro Harada, com objetivo de produzir arroz. Em 1970, o Kenjiro Sekiguchi vindo de São Paulo, se instalou nas imediações de Gaspar, posteriormente fez parte do assentamento através do projeto JAMIC e INCRA. Em Itajaí, no ano de 1972, fizeram parte deste projeto agrícola os pioneiros, Katao Funai, Yoshiaki Yoshikawa, Fumio Sakurai, Takashi Takahashi, Mitsugui Takahashi. Atualmente Takashi Ishi, Goske Sato e Satoru Yokohama atuam juntos na Epagri como pesquisadores.

A Associação Nipo Brasil de Itajaí fundada em 1987, conta com cerca de 85 associados, e o município é uma das únicas no estado que mantém um convênio de cidade irmã com Sodegaura no Japão.

## 3-Canoinhas

Por volta de 1970, através da Cooperativa Agrícola Cotia, um grupo de família se instalaram em Canoinhas, com objetivo de cultivar a batata semente. As primeiras famílias que se instalaram foram: Inushi, Kanji Nagano, Shimoguiri, Inoue, Takahashi, Fujikawa, Wakuda e outros. Hoje o município é referência econômica no estado em se tratando de batata semente.

## 4-Caçador

Em 1973, dez famílias se instalaram em Caçador, para o cultivo dos mais diversos produtos ligados a agricultura como: tomate, alho e maçã. Os pioneiros foram as seguintes famílias, Toshihiko Mochizuki, Mikihiro Yanagai, Takeshi Tsusuki, Seikiti Abiko, Mitsugiro Kitazawa, Hajime Uno, Tadashi Eto, Norimitsu Suzuki, Toshimi Ueda e Kiyotoshi Okuyama.

Atualmente outras famílias fazem parte na Associação Nipo de Caçador, onde desenvolvem atividade sócio-cultural e esportiva. Atualmente são 22 socios.

## 5- Outras localidades

Outras localidades com uma forte presença de famílias de origem nipônica é Joinvile, e Florianópolis. Nas últimas duas décadas, atraído principalmente pela expansão industrial, e conseqüente pólo de desenvolvimento, os descendentes japoneses exercem diversas profissões como médico, dentista, engenheiro, advogado, administrador de empresa, servidor público, além de atuação nos setores de comércio e indústria.

Outro motivo é que estas duas cidades são pólos universitários, o que motiva estudantes recém formados a se fixarem nas próprias cidades. Em Joinvile, a Aliança Cultural Brasil-Japão de Joinvile, fundada em 13 de março de 1993, congrega associados da etnia e outros simpatizantes, sendo os seus fundadores, Jiro Kuroki, Teruji Sumida, Mario Sato, Jorge Iutarô Yoshino, Natalina Mitue Uehara, entre outros.

A Aliança conta hoje com 87 associados e tem a finalidade de perpetuar e difundir a cultura, a arte e a tradição japonesa, tanto é que basicamente o seu início está relacionada à existência da antiga escola ministrada pelo professor Jiro Kuroki, que cumpre o papel sócio-cultural de grande importância na região. Atualmente moram em Joinvile e região cerca de 150 famílias de descendência japonesa. Nas atividades sócio-culturais destacam-se os cursos de bonsai, ikebana, origami, aikido, culinária típica, karaokê, apresentação folclórica nas festividades como na Festa das Flores e a língua japonesa além das lutas marciais.

Em Florianópolis, a Associação Nipo Catarinense congrega associados descendentes e não descendentes da grande Florianópolis e abriga também estudantes e profissionais técnicos ex-bolsistas de convênios com o Japão. É uma entidade declarada de utilidade pública estadual desde 12/07/84 lei nº 6.396 e de utilidade pública municipal desde 16/06/87 lei nº 2.595, congrega no seu quadro de sócios 130 famílias, e há uma estimativa de 400 famílias residindo na Grande Florianópolis.

## B - Cooperativa Cotia e Colônia de São Joaquim

É quase impossível relatar a vinda da colônia japonesa em Santa Catarina sem mencionar a Cooperativa Agrícola de Cotia - Cooperativa Central, pois foi ela uma das responsáveis pela imigração japonesa no Brasil, como já citamos nos capítulos anteriores. Em 1957, uma empresa ligada ao Ministério da Agricultura do Japão, a CPIE (Cia Promotora de Imigração para o Exterior), apoiava os imigrantes japoneses financeiramente e até possibilitava a aquisição da terra própria. "CPIE, trabalhava sintonizada com a Seção de Imigração da Cooperativa, e, tão logo o pôde, a promover loteamentos de glebas agricultáveis, nas quais ia assentando colônia de jovens imigrantes" (PADILHA, 1989, p. 104).

Após assentar novas colônias em diversos estados do Brasil, a Cooperativa decidiu implantar colônias em Santa Catarina. Foram escolhidas as cidades de Curitibaanos e Celso Ramos, que na época era distrito de Curitibaanos. Essas colônias haviam organizado em 1964 para dar terras a imigrantes japoneses que trabalhavam como empregados, colonos ou arrendatários no Rio Grande do Sul.

Curitibaanos foi um ponto estratégico para a projeção da Cooperativa em Santa Catarina, vindo a se constituir na base para a formação do Programa de maçã de São Joaquim, em 1974.

## 1- A implantação da colônia em São Joaquim

Em 1940, um cooperado da Cooperativa Agrícola de Cotia – Cooperativa Central, Tamitsu Nishimori, teve a iniciativa de produzir maçã em Caucáia, São Paulo, da variedade maçã do Brasil, única adaptável ao clima do Estado. Em 1964, Nishimori visitou Santa Catarina, cujo clima o impressionou, porém não quis arriscar. Mas em 1970 chegava novidades técnicas para a cultura da maçã. Confiante, Nishimori e mais alguns companheiros também interessados, entre os quais Takijiro Shimizu, Takeshi Hossoi, e os irmãos Hiroyasu Hiragami e Fumio Hiragami, dedicaram-se ao estudo dessa cultura. Foram estimulados por Yoshihiko Horino, então chefe da Seção de Vendas da CEASA de São Paulo, que possuía conhecimentos sobre a produção de maçã.

No ano seguinte o governo de Santa Catarina trouxe do Japão, em trinta de março de 1971, o professor Kenshi Ushirozawa, renomado especialista para desenvolver pesquisas e difundir ensinamentos sobre o cultivo do produto. “Ushirozawa é um dos criadores da mundialmente conhecida variedade de maçã Fuji; resultado de incansáveis pesquisas no Instituto Experimental de Aomori, do ministério da Agricultura e Pesca do Japão” (MURAL, 1994, p.12).

Ao chegar no Brasil, ele instalou-se em Videira e ali deu início a seus trabalhos, logo vários cooperados da Cotia, aproximaram-se dele, como Nishimori e Shimizu e o agrônomo Hideki Amenomori, do Departamento de Fomentos Agrícola da Cooperativa.

Mais tarde, sob orientação de Ushirozawa, um grupo de agrônomos liderados por Kikuty, chefe do Departamento de Fomentos Agrícola, do qual participaram Márcio Kuga, Yukiharu Suzukawa, Sérgio Hikosaka e Hideki Amenomori, acompanhado dos cooperados: Nishimori, Shimizu, Hiragami, Higuchi e Hossoi, passaram a procurar um local que estivesse no mínimo a um mil e cem metros de altitude. Revezando-se, percorreram uma vasta região compreendida entre Caçador e Matos Costa. A busca não teve sucesso, e mais de um ano decorreu antes de encontrar o lugar desejado.

Foi em 1974 que Ushirozawa, então trabalhando no Instituto Estadual de Pesquisa Agrícola de São Joaquim, descobriu uma área que vinha a ser ideal para o projeto, na própria São Joaquim. Imediatamente a Cooperativa mandou para lá uma equipe composta por Kikuty, Amenomori, Suzukawa, Nishimori e Hiragami, com a missão de examinar o local proposto. Foram recebidos pelo então Prefeito do Município, Egídio Martorano e por técnicos da Secretaria da Agricultura do Estado e, conduzidos para o núcleo de Corujas, terreno localizado a oito quilômetros da cidade, apontado por Ushirozawa como local ideal.

Porém a região de São Joaquim possui um solo com muitas pedras e sua topografia muito irregular criou uma certa estranheza para os visitantes. Mas, Ushirozawa logo respondeu: “As pedras podem ser recolhidas ainda que com muito trabalho, e o solo pode ser aplainado e melhorado mediante tecnologia já disponível, mas o clima nós não podemos deslocar.” O importante para o seu componente era o clima, considerado ideal para a cultura da maçã.

Convencidos, no mesmo ano a Cooperativa decidiu criar, em São Joaquim, um núcleo destinado à produção de maçãs, valendo-se da oportunidade oferecida pelo Plano de Nacionalização da Maçã, do Ministério da Agricultura. Além disso, o governo de Santa

Catarina proporcionou ajuda financeira para o projeto, uma vez que em 1972 o Estado havia instituído o Programa de Desenvolvimento de Culturas de Frutas de Zona Temperada, dentro de cujos objetivos enquadrava-se o projeto da Cotia.

O Governo Federal, que havia assegurado pleno apoio àquele programa, fez o Banco Central liberar, em maio de 1974, Cr\$ 4,230 bilhões, para repasse pelo BESC, Banco do Estado de Santa Catarina, tendo o projeto da Cooperativa se beneficiado de parte desses recursos, recebendo ainda a promessa de verbas específicas para estradas e eletrificação rural na área adquirida. Com isso os colonos japoneses assumiram a difícil empreitada de produzir algo para o que jamais se havia preparado, e para a qual não dispunham de suficiente experiência tecnológica.

Na verdade, havia apenas alguns pequenos produtores em Santa Catarina e pouco mais no Paraná, porém o Brasil se valia quase exclusivamente da importação de maçã, chegando a duzentos mil toneladas da fruta importada na época.

Assim, em cinco de agosto de 1974, completados todos os trabalhos preliminares, efetuou-se o sorteio dos lotes da gleba adquirida de Lauro Martins. Sem perda de tempo, Takeshi Hossoi, primeiro colono, Shimizu, Nishimori e Higushi davam início à implantação da Colônia Cotia I.

No mesmo período integraram para esta mesma colônia, denominada Colônia Cotia I, mais três famílias: Nakamura, Takeo Tsutsumi, Kazuo Katayama, Massaharu Tsuruda.

Em janeiro de 1975, a Cooperativa enviava para São Joaquim o agrônomo Bernardo Ide, com a missão de preparar um segundo núcleo na região. Foi adquirido um terreno na Vila Boava, a dezessete quilômetros da cidade, o qual foi dividido em oito lotes e distribuídos para: Akira Outuki, Shoichi Yuri, Francisco Tanaka, Haragushi, Alberto Okamoto, Shoichi Kato, Seiji Nishikawa. A segunda leva foi denominada como Colônia Cotia II.

Em agosto do mesmo ano, foram compradas mais terras, organizou-se o terceiro núcleo, Colônia Cotia III, sob orientação do agrônomo Tsugui Iwasaki, para nove famílias: Kubokawa, Tetsuya Ryu, Luís Kikushi, Mário Sato, Shigueru Umemiya, Paulo Iida, Manabu Iida, Nelson Iida e Eichi Yuri.

O quarto núcleo, Colônia Cotia IV, foi criado em setembro, a alguns quilômetros do primeiro, sob direção do agrônomo Shu Otani e também recebeu dez famílias: Tooru Tanabe, Eduardo Kimura, Nelson Kawano, Toshio Yuri, Hiyama, Kobayashi, Takashi Shishito, Tetsuo Yamanishi, Paulo Okamoto e Yasujiro Kimura.

Assim, nos 31 lotes das quatro colônias que totalizam 440 hectares, foram plantadas 352.000 macieiras, que começaram a produzir em 1978 (PADILHA, 1989). Com o Programa da Cotia, a cidade de São Joaquim animou-se passando a maçã a substituir a indústria madeireira como base de sua economia. E a cultura da maçã se difundiu pela região circunvizinha como Lages, Campo Belo do Sul, Bom Jardim da Serra, Fraiburgo e outros, tornando o Estado de Santa Catarina o maior produtor de maçã do Brasil. Estimulados, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul agilizaram a produção de seus pomares e a produção nacional, em 1986, atingia aproximadamente 220.000 toneladas, suficiente para reduzir em apenas 85.000 toneladas as importações desse ano.

Com isso, em 1976 a cooperativa disponibilizou um serviço de atendimento aos

cooperados de São Joaquim pelo Depósito Regional de Curitiba. Depois em fevereiro de 1977, esse serviço passou a constituir pelo Depósito Regional autônomo, simultaneamente com a construção de um armazém padronizador de maçãs, numa área de sete hectares, na cidade de São Joaquim. A partir disso o município começou a ser conhecida nacionalmente, não só pelo frio e pela neve, mas com a maçã, que chama atenção pelo seu sabor e beleza. Em abril de 1979, foi realizada a primeira Exposição Nacional de Maçã. “Visitaram-na o presidente da República, Ernesto Geisel, e seu ministro da agricultura, Alysson Paulinelli, que ficaram verdadeiramente surpreendidos com a maçã produzida nos pomares da Cotia, tais seu aspecto, qualidade e sabor” (MURAL, 1994).

Mais tarde, foram sendo adicionadas outras instalações à sede do Programa, o Depósito Regional de São Joaquim: Armazém de insulso, serviços de distribuição, balança de caminhão e equipamentos para seleção mecânica das frutas. Em 1983, foi instalada a primeira câmara frigorífica, com capacidade de armazenamento de duas mil toneladas, permitindo a conservação das variedades Fuji, Mutsu, Golden, Jona Golden, Gala, Starkinson e Tsugaru por mais de seis meses, o que significa a possibilidade de comercializá-las no mês de agosto, quando os preços são melhores para os produtores.

Neste mesmo ano, a Yakult iniciou sua produção baseada no Programa da Cotia sendo designado para administrar a base, Shissaburo Sumi. A função dessa empresa foi de somente produzir maçã para suco, porém a industrialização do produto era realizada na capital de São Paulo.

A Cooperativa construiu em 1985 uma segunda câmara fria, também para duas mil toneladas. A construção dessas câmaras foram com o tempo aumentando gradativamente conforme a produção de maçã ia crescendo. A instalação da Cooperativa contribuiu positivamente para o desenvolvimento do município. O exemplo perdurou, como o cooperativismo que foi crescendo. Vale frisar que a Cotia foi a pioneira na exportação de maçã em São Joaquim, isso em 1988, sendo que a primeira remessa de frutas foi enviada para os Estados Unidos.

Porém, em 1994, a Cooperativa Agrícola de Cotia - Cooperativa Central, do Brasil inteiro, passou por dificuldades financeiras, o principal motivo foi o reflexo da crise generalizada que o país estava sofrendo nos últimos anos, chegando a uma dívida de U\$ 600 milhões.

Em função das dificuldades da Cooperativa, os cooperados da Cotia em São Joaquim tomaram uma decisão, optaram pela locação dos bens móveis e imóveis da sede joaquinese por um prazo de dez anos e criaram uma nova empresa, desligando-se completamente da Cotia. A nova empresa passou a chamar-se Sanjo - Comércio e Transporte de Frutas São Joaquim Ltda.

Em 1999, a sua razão social mudou para Cooperativa Agrícola de São Joaquim – Sanjo. A Sanjo atualmente possui cinquenta e nove cooperados associados, noventa por cento são descendentes de japoneses, e sua instalação foi ampliada. Com capacidade para armazenar em câmara fria de atmosfera controlada 20.000 toneladas. São mais de um mil hectares na produção da fruta, produzindo cerca de 40.000 toneladas, isso representa 50% da produção do município e proporciona mais de cinco mil empregos diretos e indiretos, durante o ano todo.

Com isso, a maçã substituiu plenamente a exploração da madeira em função da pesquisa e tecnologia que o governo japonês e os corajosos imigrantes e migrantes japoneses trouxeram e desenvolveram, proporcionando o cultivo da maçã e o crescimento econômico de São Joaquim.

## **2- A cultura milenar oriental no município**

O objetivo da colonização em São Joaquim foi a busca pelo cultivo da Maçã. Foram muitos anos de luta e de muita dificuldade, sendo que a maioria veio para cá solteiro ou recém casado. O rigor do clima frio também dificultou muito a adaptação desres, mas os pioneiros venceram essas barreiras, principalmente as dificuldades econômicas. Infelizmente alguns colonos nipônicos lutaram, mas não puderam suportar as dificuldades e foram embora do município.

Os imigrantes e descendentes japoneses eram muito pobres. Arrendavam a terra que trabalhavam, já que não podiam comprar. Todo sacrifício era pouco para amealhar algum capital, que num futuro desejado o mais imediato possível, viesse propiciar a aquisição de uma área mesmo que pequena. Assim não desperdiçavam recursos.

Por isso as moradias eram bastante simples. Serviam apenas para o abrigo da família, quase sem conforto, a mobília bem modesta, tinham somente o essencial. Os mais persistentes lutaram e venceram e aqui formam hoje cerca de 60 famílias, um total de 300 pessoas, na maioria joaquineses. Não importava quão dura fosse essa fase da vida, mas uma coisa era essencial, a educação dos filhos.

Em 1977 foi fundada a Associação Cultural e Esportiva de São Joaquim, entidade social da colônia nipônica do município e é presenteada, em 1987, pelo governo japonês, com uma sede social com a construção de um ginásio poli-esportivo na localidade de Corujas.

A Escola de Língua Japonesa de São Joaquim foi fundada em 1983, administrada pela Associação tendo como professor o senhor Kiuchi, que veio com a família de Ibiúna, Estado de São Paulo. Porém, no ano seguinte, ele veio a falecer, sendo substituído pelo professor Hatao Egami, procedente de São Gotardo, Minas Gerais.

No ano de 1994, foi inaugurada a Escola Modelo de Língua Japonesa de São Joaquim, também construída com os recursos do governo japonês. A escola atende as crianças e adolescentes associados e é a única Escola Modelo de Língua Japonesa do Estado de Santa Catarina.

A participação dos japoneses nos eventos municipal também é representativa como nos Jogos Abertos, estaduais e municipais, na comemoração da florada da cerejeira, e no festival do inverno, em que o Departamento de Senhoras, junto com o Departamento de Jovens da colônia, organiza um jantar oriental com pratos típicos japoneses. Porém os joaquineses costumam comentar que os japoneses são fechados e que não se misturam, mas hoje, a colônia é formada por uma miscigenação de raças acima de 30% de mestiços.

Na comemoração dos 90 anos de imigração japonesa no Brasil, a Câmara de Vereadores de São Joaquim presta homenagem aos descendentes japoneses residentes no município: "A importância da imigração japonesa também é por nós sentida de forma prática; contribuem na economia de nosso município, na cultura e na formação de novas famílias mesclando com os brasileiros joaquineses" (CHIODELLI, 1998).

## Bibliografia

CHIODELLI, Estela Maris Mariot. *Importância da Imigração Japonesa. São Joaquim*, São Joaquim, SC, 1998 (depoimento pessoal para a Câmara de Vereadores de São Joaquim, não publicado).

PADILHA, Dráuzio Leme. *CAC – Cooperativismo que deu certo, São Paulo: Cooperativa Agrícola de Cotia – Cooperativa Central, Cotia*, 1989.

Mural. *Colônia Japonesa*. *Jornal Mural*, São Joaquim, mar. 1994.

Mural. *Pai da Fuji é homenageado*. *Jornal Mural*, São Joaquim, dez. 1994.